



Título:	1 ano de governo Lula e as lutas contra o racismo estrutural
Data:	20.10.2023
Horário:	19:30 – 21:30
Palestrantes:	Jessica Tupinambá und Ana Gualberto (und cacique Iracema aus Rio Grande do Sul)
Moderação:	Johannes Miksch

Protocolo:	Ekrem Eddy Güzeldere
------------	----------------------

No início do evento Uta apresentou o tópico: "A descolonização é um dos principais tópicos do novo governo Lula, que criou instituições para esse fim e também está transformando o assunto em uma questão internacional. Essa também é uma questão para a Kobra. Nós, como alunos que estão estamos no caminho. Em nosso evento, há muitos contextos e abordagens diferentes sobre o tema, portanto, ele deve ser tratado com sensibilidade.

A RTB existe há mais de 30 anos com a participação de organizações dos países de língua alemã. Para a RTB deste ano, 110 participantes se registraram para a RTB deste ano, sendo que 80 pessoas passaram a noite no centro de conferências.

O debate foi planejado como um painel de discussão, moderado por Johannes Miksch, que começou perguntando aos palestrantes o que eles achavam dos primeiros meses do governo Lula.

Jéssica Tupinambá começou com uma música sobre os Tupinambá em português e convidou a Cacica Iracema Nascimento do povo Kaingang do Rio Grande do Sul

A família de Jessica incluía muitos combatentes tupinambás. Atualmente, ela trabalha como professora em sua comunidade e está estudando direito. Ela também é moderadora de um programa de debates. Os Tupinambá estão localizados no sul da Bahia, em 23 comunidades, com 14 caciques, um grande território onde há vegetações e paisagens muito diferentes.

Sua associação é uma das maiores da Bahia, onde há mais de 30 povos indígenas. Existem 180 povos indígenas em todo o Brasil. O movimento está tentando desenvolver uma luta comum pela situação dos povos indígenas na Bahia. O território dos Tupinambá ainda não foi demarcado. A terra é sagrada para eles e tem um significado especial. O território pertence à Mata Atlântica.

De acordo com Jessica, é impossível falar de Lula sem falar do governo anterior. Bolsonaro tem sido muito honesto, não tem mentido. Ele disse desde o início que não iria demarcar territórios e se manteve fiel a isso. Houve ameaças e criminalização dos povos indígenas. Em quatro de nossos

Lutas decoloniais: Nunca mais um Brasil sem nós!

www.kooperation-brasilien.org



municípios, foram distribuídos panfletos incitando contra os povos indígenas e incitando contra as demarcações. Bolsonaro venceu em sua cidade, também por não reconhecer sua identidade. Os indígenas foram chamados de "falsos índios" que mereciam morrer. Bolsonaro venceu com a promessa de que a terra ficaria com os outros, mobilizando-se assim contra os indígenas.

Mas isso também nos mobilizou para defender nossa terra. Na luta pela demarcação, houve inúmeras ameaças, Jessica também foi ameaçada três vezes. "Houve ataques. Havia um plano para matar membros da minha família. Meu tio continua recebendo ameaças e tentativas de assassinato foram feitas. Ele também foi preso várias vezes. Mas para nós, isso não acaba com a luta, mesmo que pessoas morram, nós continuamos."

A presidência de Bolsonaro é responsável por muitas mortes também por causa da política Corona, se Lula não tivesse intervindo, os Yanomani não existiriam mais. A ocupação ilegal por garimpeiros também avançou e ameaçou os povos indígenas.

"Nesse contexto de invasão de terras e ameaças, lutamos contra essa política e contra o Marco Temporal. O Marco Temporal legaliza a invasão de nossos territórios. Lula precisa vetar o novo projeto de lei 2903".

"Com o governo Lula há avanços, um ano é pouco para mudanças. Mas com Lula houve melhorias. Por exemplo, há muitos deputados indígenas. Porém, ainda há muito que pode ser melhorado, mas se não fosse por essa mudança, essas políticas terríveis teriam continuado. Na Bahia, também, agora há indígenas em altos cargos que nos representam, que defendem nossos interesses."

Ana Gualberto

"Tenho uma abordagem crítica em relação aos primeiros meses do governo Lula. O que sentimos como mulheres negras e praticantes de religiões africanas é que pouco melhorou e esperávamos muito mais."

"O movimento negro trabalhou na constituição de 1988, que foi um passo à frente. Trinta e seis anos atrás, essas eram nossas reivindicações. Hoje, como negros, a situação é ruim, inclusive na Bahia. Eu pertencço a uma religião de matriz africana. Também somos considerados povos tradicionais. Uma questão muito difícil é a garantia de nossos territórios. Em nossa religião, a natureza que nos cerca é a continuação de nossos corpos. Quando ela é atacada, nós também somos atacados. A invasão e a ocupação de nossos territórios não começaram com Bolsonaro, mas é uma história mais antiga que está fortemente relacionada ao agronegócio. Estamos falando sobre isso há muito tempo. Também está relacionado ao modelo da forma econômica capitalista. Estamos preocupados com um modo de vida diferente, não apenas com um modo de produção diferente."

"As religiões africanas se opõem ao individualismo, elas são um lugar de vida coletiva. Estamos em uma "luta de terra". Na Bahia existem mais de 60 comunidades de quilombos, mas apenas 10% delas estão demarcadas."

Lutas decoloniais: Nunca mais um Brasil sem nós!

www.kooperation-brasilien.org



"2019-2022: 169 assassinatos, a maioria deles contra pessoas que defendem territórios. A quilombola (Mae Bernadete?) que foi assassinada em agosto não morreu de doença cardíaca, mas de inúmeras balas. O governo do PT da Bahia também não resolve esses problemas. É por isso que não se pode falar em um governo pró-negro indígena enquanto esses problemas não forem resolvidos."

"Hoje é sexta-feira é um dia especial na nossa religião. O Brasil mata defensores de territórios. O Brasil está matando defensores de direitos não brancos. Nós queremos que isso acabe porque nós também elegemos esse governo."

Johannes Miksch: A polícia da Bahia é a que mais mata defensores de direitos e é governada pelo PT desde 2006.

O que vocês estão fazendo para combater esse racismo estrutural? Que estratégias vocês têm?

Jéssica:

"Só é possível superar o racismo estrutural com educação. Sofremos muito com o preconceito. O sistema educacional fala sobre coisas fenotípicas que tornam todos os povos indígenas iguais, mas os povos indígenas são muito diferentes. As crianças crescem com essa concepção errônea. Apenas certas características são ensinadas.

Para nós, algumas coisas são particularmente importantes, como a ancestralidade, os rituais, nosso território e nossa terra. A luta coletiva é importante, para lutarmos juntos. O movimento negro também está lutando por territórios. É uma luta coletiva contra esse racismo estrutural."

Ana:

"Existe uma base que alimenta essas estruturas. Trata-se de um processo de ver os não-brancos como seres humanos, e não de desumanizá-los. Você vê isso em muitos exemplos, em que os não negros não são vistos como seres humanos iguais. Os negros são vistos como uma ameaça, um perigo para crescer. As pessoas não acreditam que eu sou o diretor da nossa ONG, as pessoas não acreditam nisso, mas as coisas estão mudando.

Nós defendemos mais cotas para negros, com essas cotas a educação como um todo melhoraria no Brasil. Eu só pude estudar quando tinha mais de 30 anos. O racismo estrutural não muda com leis, mas com a desconstrução da branquitude da Europa ou dos EUA. Precisaríamos de um currículo com autores de todo o mundo, com vozes negras, indígenas e latino-americanas, que não seguissem apenas um ideal branco e europeu."

Jéssica:

Lutas decoloniais: Nunca mais um Brasil sem nós!

www.kooperation-brasilien.org



"Continuamos lutando por um futuro melhor, apesar dos contratempos, apesar do racismo. Aqueles que nos antecederam sofreram muito mais. É por isso que não podemos deixar isso de lado agora. Não estamos lutando apenas por nós, mas também por aqueles que virão depois de nós."

Ana:

"Discutir a branquitude não é contra os brancos, é contra o privilégio. Não estamos lutando sozinhos. Estamos trabalhando em rede. Criando espaços de representação, capacitando as pessoas que participam e fortalecendo o coletivo de modo geral. Isso também é feito em cooperação com os novos deputados em todos os níveis que elegemos recentemente. Eles também estão sob constante ataque. O que aconteceu com Marielle (Franco) pode acontecer com muitos outros. Os bolsonaristas não mentem, eles querem nos matar, nos estuprar etc. É por isso que temos que encontrar uma maneira, contra todas as probabilidades, de defender legalmente nossos direitos."

É uma loucura que as leis não sejam aplicadas no Brasil, que é progressista. As religiões não cristãs são as que mais sofrem com a repressão. Muitas vezes não é reconhecido legalmente como um ato antirreligioso. Se você infringir as leis, for racista, simplesmente nada acontece."

Jéssica:

"Ser negro, indígena não é fácil. Não só no Brasil, mas em quase todos os lugares. Sofro constantemente com o racismo nessas estruturas. Os indígenas são constantemente questionados sobre por que estudamos na universidade, por que temos celulares, dirigimos carros. Portanto, os encontros nacionais e internacionais são importantes para expandir a luta."

Johannes: Como nós, organizações internacionais, podemos ajudar nessa luta, o que podemos fazer, como podemos participar?

Ana:

"Nossa sociedade está se tornando cada vez mais internacional. Tem muita gente de fora que está envolvida com o Brasil, que já viveu lá. Uma coisa é muito importante, essa reflexão sobre privilégios. As sociedades européias deveriam refletir sobre seu papel no colonialismo. Refletir sobre por que algumas pessoas vivem onde vivem agora. Esse processo é muito importante e é o seu processo. Também se trata de reparação. As pessoas achavam que, com esse governo mais democrático, as coisas melhorariam rapidamente, mas não foi assim. Não se pode pensar em reparação sem pensar em dinheiro. Infelizmente, é assim que as coisas são, vivemos em um sistema capitalista. O que precisamos é de parceiros, de cooperação em nível visual. Não, ditada pelo dinheiro, embora o dinheiro também seja importante."

Jéssica:

"Precisamos que nosso território seja demarcado. Todas as pessoas que foram mortas foram mortas porque a questão é a terra. Os países estrangeiros deveriam pressionar o governo Lula para demarcar

Lutas decoloniais: Nunca mais um Brasil sem nós!

www.kooperation-brasilien.org



os territórios. Esse conflito não vai acabar enquanto os territórios não forem demarcados. Pressionar o Ministério da Justiça para demarcar os territórios.

Infelizmente, muitas vezes os territórios só são demarcados quando ocorrem crimes, como assassinatos de indígenas. Só podemos proteger nossas terras se elas forem atribuídas a nós. Também precisamos de apoio financeiro para podermos nos articular.

Indígenas, negros, são mortos todos os dias. 50 de nossas lideranças foram mortas. Mas, depois, somos presos, minha tia, meu tio já foram presos. Isso nos preocupa.

No ano que vem, vamos nos candidatar a prefeito. Esse é um ano político, ninguém quer demarcar. Então você tem que esperar mais um ano para poder mudar alguma coisa."

A **Cacica Iracema** começou na língua indígena e com um cântico. Era uma oração pela terra, pela nossa água que vem da terra. E que flui para o mar. Uma oração do meu povo. O Brasil para nós é Amomba. Trata-se de tomar de volta algo que nos pertence. Viemos de um canto onde o Paraguai e a Argentina também não estão muito longe. Nossos territórios estão diminuindo constantemente. Sempre vivemos aqui, mas o governo diz que a terra não tem dono. Estamos lutando por um futuro melhor. Estamos lutando pela terra, não precisamos de papel para isso, nós sabemos disso. Precisamos de sua ajuda para continuar nesse caminho.

Temos que cursar inglês ou espanhol na universidade, por exemplo, mas não há respeito pela nossa cultura, pela nossa língua, que faz parte do Brasil. O Ministro da Educação não apoia isso. Queremos que nossa cultura seja valorizada.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

1) Participante da Bahia (trabalho missionário): A Ana falou de cotas, o Lula não é só o Lula, mas um parlamento conservador e um governo de muitas partes. Que propostas mais concretas vocês têm que poderiam ser apoiadas, mais concretas, mais específicas.

2) Pedro Afonso, investigou o assassinato do indígena Caudilho (?), os 5 assassinos trabalham todos para o governo local. Havia muitas esperanças associadas à mudança de governo, mas isso leva tempo. É um processo lento. Você falou sobre instituições com indígenas, por que não há mais, por que não há concursos?

3) Luciano: O governo Lula está em processo de constituição, as mudanças ainda estão ocorrendo. Qual é a situação dessas instituições?

4) Maureen: A atenção internacional está muito focada na Amazônia. Há muitos outros biomas que são importantes e sobre os quais quase não se fala. Grandes projetos ameaçam esses outros biomas.

Ana:

"Houve algumas mudanças nos últimos anos. Mas seria necessário eleger políticos mais adequados, o que também está relacionado ao sistema eleitoral.

Lutas decoloniais: Nunca mais um Brasil sem nós!

www.kooperation-brasilien.org



Há uma lei na Bahia de 2009 sobre quilombos. O governo baiano trabalha com títulos de terra que não são reconhecidos. Ele tem uma política de não resolver as coisas. Há grandes interesses contra isso. É preciso muito tempo para analisar isso. Muitas vezes, a resposta dos responsáveis é que não há orçamento.

Há uma complexidade de biomas, para salvar a Amazônia, todos os biomas devem ser preservados. Esse pulmão que é a Amazônia precisa dos outros biomas para respirar."

Jéssica:

"Como é a avaliação das cotas? Os brancos avaliam as cotas dos negros. Essa avaliação precisa mudar. Minhas observações sobre as cotas são negativas, essa reparação não é suficiente, é o mínimo que o Estado tem feito pelos não brancos.

Também com relação aos procedimentos de seleção de funcionários públicos, há cotas apenas para negros, não para indígenas.

O simbolismo da representação de minorias e mulheres no governo é muito positivo. Ver essas pessoas como a Marina, como a diretora da Funai, etc., é muito positivo. Mas não é que tudo esteja indo bem. O MPI deveria fazer as demarcações, mas isso passou para o Ministério da Justiça depois de pouco tempo, que não está funcionando efetivamente.

Muitas vezes, quase sempre, os atos de que estávamos falando não são punidos, como no caso de Marielle. O assassinato de Dom Philipps e Bruno Pereira, você sabe quem foi. Quais pessoas estavam por trás disso. Mas os culpados estão livres. Existe imunidade para esses crimes.

Não é só a Amazônia que deve ser preservada. A Amazônia é o pulmão, mas os outros biomas também são importantes. A atenção internacional está muito focada na Amazônia.

Os satélites mostram que nosso território foi completamente destruído em 1990, mas podemos vê-lo se recuperando desde que começamos a cuidar dele. Todos os biomas precisam ser preservados e protegidos, o que é pouco comentado."

Cacica Iracema concluiu dizendo que tem sido uma longa luta pelas cotas para indígenas, que começou com poucas vagas para indígenas nas universidades e que foram surgindo mais vagas, então a longa luta valeu a pena.

Jéssica: "Essas conferências internacionais são importantes para que haja uma luta coletiva. Nossa luta não é só por nós, mas também por vocês."

Ana: "Essa luta é importante para todos, e para todos."